

Enio Starosky, a teoria de Keirsey e os tipos religiosos

(apresentação do livro: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. Santo André: Kapenke, 2020)

Jean Lauand¹

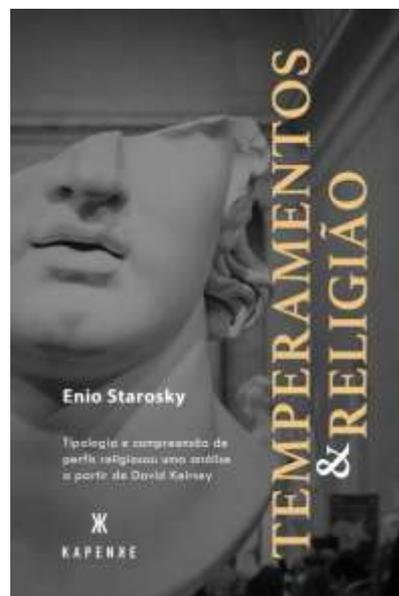
Resumo: Apresentação do livro de Enio Starosky: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. O artigo traz uma introdução ao pensamento de Keirsey e seu alcance no campo da tipologia religiosa.

Palavras Chave: Enio Starosky. David Keirsey. Psicologia dos temperamentos. Tipos religiosos.

Abstract: Presentation of the book of Enio Starosky: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirsey”. The article presents briefly an introduction to the psychology of Keirsey and its importance to religious analysis.

Keywords: Enio Starosky. David Keirsey. psychology of temperaments. religious types.

Lembro da data exata em que conheci Enio Starosky pois, para cada disciplina que leciono, crio uma página em meu site pessoal, na qual, além de programação e bibliografia, incluo dados dos alunos, seus seminários etc. Assim, no dia 8 de agosto de 2012, na primeira aula de “Abordagens Filosóficas da Educação” no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, lá estava o Prof. Enio, como aluno especial de mestrado. Apresentou-se como bacharel em teologia e Diretor do Colégio Luterano São Paulo.



¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

Recordo-me também que, naquela primeira aula, discutimos amplamente uma concepção antropológica fundamental das tradições clássicas de pensamento e religião – tanto do Ocidente como dos Orientes –, a de que o homem é um ser que esquece! Esquece-se não das minudências do quotidiano (fazer as compras do mercado, pagar as contas, a data da estreia de um filme etc.), mas das verdades essenciais: sobre Deus e o mundo e sobre seu próprio ser.

Enio ficou impressionado com essa ideia e, desde então, estabeleceu-se entre nós uma forte comunhão de pensamento que, ao longo daquele semestre, foi-se consolidando: compartilhávamos o entusiasmo por autores como Josef Pieper e C. S. Lewis e por tantos temas filosóficos e pedagógicos, como o da “voz média” ou o dos fundamentos clássicos da ética.



29-01-2015 – Enio Starosky proferindo conferência no XVI Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação

Para minha alegria e honra, no semestre seguinte fui escolhido como seu orientador de mestrado, uma notável dissertação, publicada em livro, já na segunda edição: “Amor e Educação em C. S. Lewis e Josef Pieper” (Santo André: Kapenke, 2018)”. Tive o privilégio também de ser seu primeiro orientador no doutorado (tarefa concluída pelas boas mãos do brilhante Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza), que ora se publica como livro, em mais uma bela edição da Editora Kapenke: “Temperamentos & Religião – Tipologia e compreensão de perfis religiosos: uma análise a partir de David Keirse”.

Enio Starosky, intelectual sério e profundo, tem uma incomparável vantagem para pesquisas – como esta do doutorado – sobre os diversos tipos de personalidade: como diretor de um importante colégio e como pastor, tem contato diário e conhecimento efetivo de alunos, pais e professores: compreende bem a realidade dos fiéis e as da educação e da Igreja. Claro que o preço a pagar é uma sobrecarga de trabalho que ele, como bom SJ (tipo de temperamento descrito neste livro), sabe levar sem descuidar nenhum detalhe dessas diversas atividades. Mas, por trás da aparência silenciosa de um ISJ, Enio é um ardente apaixonado por tudo o que faz. Afinal, vocação, dizia Julián Marías (outro de nossos filósofos favoritos), é “aquilo que não se pode deixar de fazer”. Para além da sua reconhecida atuação no âmbito pedagógico-administrativo, a vocação desse SJ é apontar, por meio de suas pesquisas científicas, perspectivas de ação e reflexão nos campos da Educação e da Religião.

O que o Dr. Enio Starosky faz neste livro é precisamente resgatar um daqueles “essenciais esquecidos”, de extrema importância para a convivência, para a Educação e para as Igrejas: a de que somos diferentes! Como escreveu George Orwell em “1984”, “Os melhores livros... são aqueles que nos dizem o que nós já sabíamos”. Já sabíamos, mas não tínhamos reparado; já sabíamos, mas tínhamos nos esquecido; já sabíamos, mas não tínhamos conhecimento claro, organizado, científico...

Como dizia, o primeiro ponto essencial que Starosky resgata é a ideia – tão simples quanto fundamental – de que somos diferentes: nossos modos de ser, de perceber o mundo, de sentir, de agir e reagir, nossos estilos etc. não são iguais e, em alguns casos, até opostos. Uma obviedade, sim, mas que na prática, no dia a dia, encontra-se embotada, fora de foco de nossa percepção e consciência. O autor não só reafirma essa realidade básica, mas a repropõe em sua leitura mais moderna e avançada, oferecendo-nos uma análise concreta e fundamentada das bases e fundamentos dessas diferenças: o que nos ajuda na árdua tarefa de compreender o outro, especialmente no âmbito religioso.

Este livro de Enio Starosky é pioneiro, trata-se da primeira pesquisa keirseyaniana no Brasil sobre os tipos na religião. A obra ajuda-nos – e muito – a compreender melhor o porquê das diferenças entre os estilos religiosos e seus líderes. Um exemplo, entre as dezenas que o leitor encontrará na leitura desta tese: a ordem beneditina (assim como seu fundador, S. Bento de Núrsia), com suas regras estritas, é radicalmente SJ; os franciscanos, seguindo o *Poverello* de Assis, voltados para a espontaneidade e a alegria, são SP. Não por acaso, Ratzinger escolheu seu nome papal Bento; e Bergoglio, Francisco. E a análise staroskyana estende-se, deliciosamente, para as diferenças de estilo em todos os campos da religião: a moral, a liturgia e as celebrações, a doutrina, a liderança, a pastoral etc.

Intencionalmente, temos insistido na palavra “compreender”. Ela é utilizada aqui com a feliz acumulação semântica que se dá em nossa língua (também no inglês, e em tantas outras): para além da mera captação intelectual, uma atitude de empatia e aceitação do modo (diferente) de ser do outro. Observe-se que os dois livros fundamentais de David Keirsey, se intitulam: *Please understand me* (1984) e *Please understand me II* (1998).

É chegado o momento de dizer umas breves palavras (tomando-as, por vezes, deste próprio livro), um resumo sumário e sem a preocupação do rigor de uma tese, da teoria que Enio aplica à religião, antecipando a própria introdução do trabalho: a teoria dos tipos de temperamento de Keirsey. Começemos pela recordação dos elementos fundamentais.

Keirsey distinguiu-se no campo da Psicologia, por aplicar, a seu modo, três pares de fatores de Jung em seu clássico livro “Tipos Psicológicos” (1921), junto com outro par (JxP), proposto pela tipologia de Myers-Briggs (1995), em seu famoso teste MBTI, *Myers-Briggs Type Indicator*.

A originalidade de Keirsey – e que constitui um poderoso diferencial em relação a Myers-Briggs – é agrupar os 16 tipos do MBTI em torno de 4 tipos de temperamentos (com quatro “sub tipos” cada um). Ao reabilitar, em versão contemporânea, a antiquíssima doutrina dos temperamentos, Keirsey fornece uma poderosa ferramenta para auxiliar na compreensão do modo de ser de cada um, suas preferências de gosto, conhecimento, modos de agir e de reagir aos estímulos exteriores, estilos, enfim, sua instalação no mundo.

O temperamento, para o autor, é uma “configuração” inata de alguns desses fatores, que é a base da personalidade: tudo aquilo que se constrói em cada um (e que

cada um constrói) por conta de tantas variáveis: educação, experiências marcantes, diversas influências da sociedade etc.

Adverta-se desde logo que Starosky nunca faz uso reducionista da teoria: o temperamento é apenas um fator na compreensão de cada pessoa e, além do mais, é nada mais que um *Idealtypus*, com todas as limitações que a metodologia do tipo ideal impõe para o acesso à realidade. Assim, o tipo nunca pode se confundir com a própria realidade; o uso comum da palavra “tipo” parece confirmar essa prudente limitação para o método. Na gíria, “tipo” é uma aproximação, que indica imprecisão: “orçamento eu não tenho, mas deve custar tipo uns 10 ou 15 mil reais”, “essa moça [junto com outras milhões] não faz meu tipo”. E quando dizemos que um salame é tipo italiano, estamos implicitamente afirmando que **não** é italiano. Um tipo é só uma acentuação teórica, caricata (não no sentido pejorativo), a qual permite uma primeira aproximação de uma realidade que, insistamos, está sempre longe de se esgotar no tipo.

Tenhamos em conta também que pertencer a este ou àquele tipo de temperamento não tem **nenhuma** conotação moral: há grandes santos e grandes criminosos em cada um dos 4 temperamentos e seus 16 “sub tipos”. Nem, de forma alguma, “é melhor” ser humano aquele que é deste ou daquele tipo. Trata-se simplesmente de uma preferência natural da pessoa em seu modo de relacionar-se com o mundo, como a preferência por cores ou sabores.

Na teoria de Keirsey, como na de Myers-Briggs, intervêm 4 pares de fatores, de preferências opostas: 3 deles procedem de Jung (as preferências I/E, S/N e F/T) e o quarto par é J/P (Myers Briggs e Keirsey).

Desses 4 pares, Keirsey extrai seus 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT que, combinados às possibilidades restantes, resultam em 16 tipos mais específicos (ESTJ, ISTJ, ESFJ, ISFJ; ESTP, ISTP, ESFP, ISFP; ENFJ, INFJ, ENFP, INFP; ENTJ, INTJ, ENTP, INTP).

Parece-nos mais adequado designar os tipos pelas letras que abreviam cada caso, ao contrário de Keirsey, que além dessas siglas, vale-se também de nomes para designá-los: o SJ sendo o Guardiã; o NF, Idealista; o NT, o Racional etc. Essas siglas preservam-nos de equívocos e mal entendidos, que poderiam ser sugeridos pelos nomes dos tipos ou dos fatores (por exemplo, J x P seria a oposição entre Julgamento e Percepção, que nada têm que ver com o uso comum dessas palavras...). Na verdade, muitas vezes em nossa comunicação geral, ficamos com as siglas e não sabemos (nem precisamos saber) o que estão elas abreviando: a **Confederação Sul Americana de Futebol** é a *Conmebol* e ninguém tem a menor ideia de que o *http* da internet abrevia *Hyper Text Transfer Protocol*.

Passemos agora a resumir, brevemente, esses fatores de que Keirsey se vale.

Os fatores ExI (os mais fundamentais para Jung e os menos essenciais para Keirsey, que não os faz integrar o núcleo de nenhum dos 4 temperamentos) são simplesmente a preferência pela Extroversão / Introversão. Quem tem a preferência pelo fator E energiza-se em contato com os outros, que podem ser muitos e desconhecidos, enquanto o I recarrega suas baterias sozinho, ou em contato com poucos e, em geral, bem conhecidos. O fato de 80% ou mais das pessoas serem E e, além do mais, nossas instituições sociais (a escola entre elas), as *vigências*, de que falava Ortega y Gasset, são feitas para os E (em detrimento das preferências I), constituindo-se como um fator a mais de exclusão e desconforto para os introvertidos... Vale ainda lembrar que o fator E predomina nas celebrações de muitas igrejas, para desconforto dos fiéis I.

O par S/N indica a preferência pelo fator S (de *Sensible*, cerca de 80% da população), realista e de pés no chão, que se atém aos fatos enquanto tais, em oposição ao N (de *Intuição*), para quem os fatos são mero trampolim para outra “dimensão” – a da leitura científica racional dos fatos (NT) ou a da realidade humana em seu sentido mais profundo (NF). Daí que os NF (ainda mais que os NT) encontrem-se muito à vontade com a comunicação por metáforas, enquanto a linguagem dos S tende a ser direta e factual.

A oposição FxT é de mais fácil e direta compreensão. F (de *Feeling*) indica um *approach* pessoal da realidade, incluindo as emoções e a afetividade. Já para o T (de *Thinking*), o que conta é o *Sachverhalt*, o estado “objetivo” das coisas, à margem de considerações sobre as subjetividades envolvidas. No caso extremo, o T é um computador jogando xadrez: a decisão sobre o lance envolve somente a fria análise do tabuleiro.

Evidentemente, para a vida e para o convívio social em geral, são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...). O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”. Uma das melhores análises de Starosky é precisamente sobre a oposição FxT nas religiões.

Finalmente, a oposição JxP. Keirsey distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem – horários, datas, planejamento etc. – enquanto o P propende mais ao “deixa a vida me levar”. Claro que nas igrejas tradicionalmente prevalece, por parte das lideranças e de muitos ministros, a preferência J.

Quando esses 4 pares de fatores se combinam, formam os 4 tipos de temperamentos (SJ, SP, NF e NT) e os 16 sub tipos que deles decorrem.

Uma palavra também sobre esses temperamentos: SJ é o tipo que tem suas preferências pelo dever, pelo cumprimento das regras, pela responsabilidade; que se empenha em transmitir os valores que dão estabilidade à sociedade; avesso a mudanças rápidas etc. Sendo os SJ a maioria da população e o tipo que mais sente a atração natural por envolver-se com as igrejas e com os serviços eclesiais, há sempre o risco de uma hipertrofização do viés (e eventuais disfunções) desse tipo em detrimento dos demais. Já os SP voltam-se para a ação, movido pela impulsividade, pelo lúdico. Os NF, por sua vez, constituem um tipo de especial interesse para a religião, já que sua motivação maior é o sentido do humano e a busca do autêntico “*self*”. Finalmente, os NT buscam, naturalmente, a estruturação racional do mundo (e da religião).

A partir desta base, o leitor acompanhará a trajetória do livro, repleto de deliciosos exemplos concretos, verificando as preferências de cada tipo nos grandes temas da religião: a espiritualidade; a tradição e a inovação; a própria compreensão da religião; os tipos de cada um dos 4 evangelhos; o serviço e a caridade; a pastoral; as lideranças etc. etc. etc.

Tornar-se-á evidente também a imensa importância da mensagem desta obra: um libelo contra a exclusivização do umbigo de cada um na concepção de Igreja e um

chamado à harmônica diversidade, na qual cada tipo dá o seu melhor para a comunidade. O que é, afinal, o plano do Logos, a Inteligência criadora de Deus. Parafraçando o cap. I de Gênesis: “E Deus criou os SJ (SP/ NF / NT) e viu que era muito bom”.

Retomemos a ideia de que os melhores livros nos dizem o que já sabíamos... Este, além da leitura por dentro (que é etimologicamente “inte-ligência”) da realidade religiosa, abre-nos o caminho para a construção de uma sadia convivência entre as religiões (e intra-religião, em cada caso), tão necessária em nosso tempo, ameaçado por fundamentalismos e intolerâncias.

Uma leitura indispensável, que pode contribuir também para um salto de qualidade em nossa visão do mundo.

São Paulo, 06 de setembro de 2020

Recebido para publicação em 11-09-20; aceito em 14-10-20